

## RESENHA

# PARA UMA ANATOMIA DA CRISE: ENSAIO SOBRE A CRISE DO DESENVOLVIMENTO NO CAPITALISMO E A REVERSÃO ESTRUTURAL BRASILEIRA

HADLER, João Paulo de Toledo Camargo. Marília: Lutas Anticapital, 2023, 226 p.

Recebido em 11/03/2024

Aprovado em 18/03/2024

O novo livro do professor João Paulo de Toledo Camargo Hadler, *Para uma anatomia da crise*, é uma bela contribuição para entender a crise do desenvolvimento capitalista e a crise brasileira. Trata-se de uma revisão crítica do pensamento sobre o desenvolvimento, com ênfase no pensamento brasileiro, que se configura na forma de um ensaio que apresenta conhecimento e sua interpretação sobre a questão, sempre buscando instigar a ação frente aos dilemas do presente. O texto é de fácil leitura, destinado a amplo público, e despido das formalidades acadêmicas, sem, contudo, renunciar ao rigor teórico e à apresentação abrangente dos problemas de que trata.

A obra apresenta como tese do autor a ideia de que a crise brasileira é um fenômeno estrutural de longo prazo, expressão dos condicionantes da crise estrutural do capital combinada com o processo de reversão neocolonial – ou reversão estrutural, tratados como sinônimos neste livro – pelo qual passam certas sociedades na atualidade. Não estão em cena (e nem é o objetivo da investigação) apreciações detidas sobre conjunturas políticas e crises econômicas dos últimos anos. A ótica de longo prazo repousa no uso da *problemática da formação* (SAMPAIO JÚNIOR, 1999a; HADLER, 2019) como lente para entender os problemas brasileiros, resgatando uma certa tradição crítica do pensamento brasileiro (IANNI, 1992): a de uma sociedade não completamente condensada que vive sob a égide dos influxos externos e de sua incompletude como coletividade

## ARTUR MONTE-CARDOSO

Economista, mestre e doutor em Ciências Econômicas, Professor do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Email: [montecardoso@iesc.ufrj.br](mailto:montecardoso@iesc.ufrj.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9658-5899>

nacional (PRADO JR., 1972). Hadler busca, assim, captar o essencial que condiciona os dilemas no presente – e pode-se dizer que o faz com êxito.

Desde o início do livro se estabelecem os temas que lhe dão urgência: a crise do desenvolvimento significa descontrole, destruição, falta de governo das sociedades humanas sobre o seu destino. A crescente consciência mundial sobre as consequências da catástrofe climática e o espectro de novas pandemias dão um tom ainda mais grave sobre a realidade. Sem perder tempo, o autor mostra como tratar um termo tão polissêmico como “desenvolvimento” no capítulo 1, dedicado a historicizá-lo. Aqui, desenvolvimento tem pelo menos dois sentidos conectados: um processo histórico e uma teoria. O problema reside no fato de que a teoria do desenvolvimento se tornou um instrumento de discussão e orientação de políticas para elevar países não desenvolvidos à condição de desenvolvidos. Esse expediente, nos explica Hadler, abstraiu a especificidade do processo histórico do desenvolvimento e esvaziou miseravelmente o debate internacional das relações de imperialismo, dependência, exploração, que caracterizaram a globalização do capitalismo. Teorias transplantadas ou reducionistas emergiram em vertentes tão díspares quanto a ciência econômica neoclássica – desenvolvimento como “crescimento econômico”; abordagens heterodoxas – desenvolvimento como “sistema de forças produtivas”; e mesmo programas dos partidos comunistas na periferia – desenvolvimento como “revolução democrática e nacional”.

O capítulo 2 apresenta o *desenvolvimento* como feito de sociedades que conciliaram capitalismo, uma relativa autonomia nacional e democracia, expressa por certa conciliação de classes que incorpora a legitimidade do conflito social e a socialização do progresso material. Ao reconstituir premissas históricas e teóricas dos mecanismos econômicos e políticos que o viabilizaram em um período e conjunto de países limitados, o autor o apresenta como a exceção que confirma a regra. A crise do desenvolvimento capitalista ocorre quando ele se converte no seu contrário: passadas as primeiras décadas do pós-guerra, a emergência da transnacionalização nega a ascendência do poder político sobre o poder econômico. Liberto dos

limites nacionais, sob a dominância financeira, sem o contraponto político soviético – decadente e por fim desmantelado nos anos 1990 –, o capital se torna força irrefreável, mudando a balança de forças com o trabalho e entre as nações, nucleadas pela hegemonia dos EUA.

Os dois últimos capítulos – 3 e 4 – discutem como os influxos e refluxos do modo de produção capitalista condicionaram as sociedades subdesenvolvidas latino-americanas (3) e o Brasil (4). A síntese do terceiro capítulo se apoia em especial na reflexão de Celso Furtado, no qual o autor é um especialista (HADLER, 2012), ainda que isso signifique um peso muito maior sobre a problemática brasileira frente aos demais países do continente. A articulação entre formação latino-americana, subdesenvolvimento, dependência e modernização é um dos pontos altos do livro e a crítica industrialização dependente, que foi a base material de movimentos políticos, teóricos e ideológicos (aqui com destaque para a Cepal), é fundamental para jogar por terra ilusões desenvolvimentistas desprovidas de conteúdo real. Sobre a industrialização brasileira, o esforço é o de afastar tanto as críticas liberais quanto as idealizações de suas potencialidades: a nova dependência restringe o raio de ação histórico da periferia, submetida às estratégias de valorização do capital internacional e às burguesias dependentes (SAMPAIO JÚNIOR, 2007).

As duas últimas seções do capítulo 4 buscam a difícil tarefa de dar *sentido* à história recente do Brasil – as últimas quatro décadas – dentro do quadro proposto. O texto parece sofrer pressões das visões presentes do país, o que se observa pela dedicação de certo espaço ao contorno de elementos que em sua temporalidade seriam apenas episódicos, como o ciclo de crescimento econômico dos governos de Lula e Dilma. Hadler resolve o problema se apoiando na ideia de *progresso da regressão* (desenvolvida por outras vias por SANTOS & FELDMANN, 2021), afirmando que as flexibilizações permitidas pelo crescimento econômico facultaram apenas dissimulações da reversão neocolonial (p. 191) e que, “(...) partindo tão somente da observação das tendências estruturais da economia brasileira, não existe uma descontinuidade entre os governos de FHC até Bolsonaro” (p. 198).

A coerência teórica e crítica do texto não impede certas dificuldades da obra. No campo acadêmico, anatomias são objeto de tratados e não de ensaios: leitores mais exigentes vão sentir falta da operação de dissecar as partes para lhes dar sentido em conjunto. O presente livro, esclareça-se, é a conclusão de um longo arco de estudos de um período histórico e de seus mais importantes intérpretes e o autor já apresentou “anatomias” primorosas na sua dissertação (HADLER, 2012), sobre Celso Furtado, e na sua tese (HADLER, 2022), sobre Ruy Mauro Marini e Fernando Henrique Cardoso.

Algumas tarefas propostas pelo autor se realizam com algumas limitações. Embora a perspectiva seja abertamente antieconomicista, o autor expressa a influência de sua formação e do uso de autores da Economia. O fato é que, no longo prazo, o campo de conhecimento do desenvolvimento se assemelha à compreensão das circunstâncias da escolha dos homens no fazer da história e nas consequências de seus atos sobre as circunstâncias futuras. A abordagem da Economia nem deveria ser um problema em si para um objeto tão complexo: afinal, nem mesmo Celso Furtado foi além de um mero *Prefácio* de sua almejada *Nova Economia Política*. Outra questão mais penosa é a transição entre níveis de abstração diferentes. As dificuldades se colocam nas últimas seções, quando a falta de distanciamento histórico e um repertório mais amplo de reflexões poderiam evitar “mergulhos” nos episódios que criam sensação de heterogeneidade em um texto tão constante. Talvez esses problemas fossem inevitáveis.

Duas questões mais substantivas remetem a considerações teóricas fundamentais do texto. A reversão neocolonial ainda é um conceito de difícil definição, mesmo em suas melhores versões (SAMPAIO JÚNIOR, 1999b, 2012) e nos trabalhos por ele guiados que desdobraram diversos objetos (ESPÓSITO *et al.*, 2019, entre outros).

Já a teoria do desenvolvimento, embora negue o etapismo para entender o subdesenvolvimento, não deixa de tomar como modelo a experiência histórica do Centro. Suas premissas projetam visões distintas separadas por uma linha tênue: a superação do desenvolvimento capitalista como experiência

e a projeção de um reformismo que almeja o “melhor” do legado destas experiências. Se se admite essa constatação, questiona-se como escapar do fetiche do desenvolvimento – a socialização do excedente, como um Celso Furtado olhando a Suécia, ou a concretização de uma ordem social competitiva, como um Florestan Fernandes vendo a França – e passar a uma orientação alternativa na época histórica em que a crise estrutural do capital é a realidade cotidiana. Ou: da barbárie para qual socialismo?

*Para uma anatomia da crise* é leitura obrigatória para quem se incomoda com e pensa sobre o Brasil, para todos que rejeitam saídas fáceis e reflexões superficiais e para quem não desistiu de se mover pela revolução brasileira.

## Referências

- HADLER, João Paulo de Toledo Camargo. *Dependência e subdesenvolvimento: a transnacionalização do capital e a crise do desenvolvimento nacional em Celso Furtado*. São Paulo: Alameda, 2012
- HADLER, João Paulo de Toledo Camargo. *Dependência e superexploração: os limites do debate entre Fernando Henrique Cardoso e Ruy Mauro Marini*. Marília: Lutas Anticapital, 2022
- IANNI, Octavio. *A ideia de Brasil moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1992
- LUBLINER, T.M.; ESPÓSITO, M.; PEREIRA, L.R. (Orgs.). *A marcha do Curupira: o aprofundamento da reversão neocolonial nos governos Lula e Dilma*. Marília: Lutas Anticapital, 2019
- PRADO JR., Caio. *História e Desenvolvimento: a contribuição da historiografia para a teoria e prática do desenvolvimento brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1972
- SAMPAIO JÚNIOR, P.A. O impasse da “formação nacional”. In: FIORI, J.L. (Org.) *Estados e Moedas no desenvolvimento das nações*. Petrópolis: Vozes, 1999a
- SAMPAIO JÚNIOR, P.A. *Entre a Nação e a Barbárie: os dilemas do capitalismo dependente em Caio Prado, Florestan Fernandes e Celso Furtado*. Petrópolis: Vozes, 1999b
- SAMPAIO JÚNIOR, P.A. Globalização e reversão neocolonial: o impasse brasileiro. In: HOYOS VÁSQUEZ, G. (org.) *Filosofia y teorías políticas entre la crítica y la utopía*. Buenos Aires: CLACSO, 2007
- SAMPAIO JÚNIOR, P.A. (2012). *Capitalismo dependente e reversão neocolonial*. Apresentação do conjunto da produção intelectual para o Concurso de Livre-docência. Instituto de Economia – Universidade Estadual de Campinas, vol. 2, Memorial Acadêmico, 2012
- SANTOS, Fabio L. B. dos; FELDMANN, Daniel (2021). *O médico e o monstro: uma leitura do progressismo latino-americano e seus opostos*. São Paulo: Elefante, 2021